



VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE O OLHAR DA MÍDIA TELEVISIVA SOBRE OS CASOS REGISTRADOS NA E.M.E.F. MARIA DE LOURDES MACHADO MOLINA

VIOLENCE AT SCHOOL: AN ANALYSIS OF TELEVISION SHOW ON THE CASES REGISTERED IN E.M.E.F. MARIA DE LOURDES MACHADO MOLINA

Roberta Almeid Mercio¹, Claudete da Silva Lima Martins²

RESUMO: A violência constitui-se em um fenômeno que assola a sociedade como um todo. Nossas vidas são invadidas diariamente por notícias de crimes em todas as instâncias. A escola não está de fora deste violento cenário. Portanto, este trabalho busca fazer uma análise sobre o tema da violência que considere não a violência em si, mas os elementos a ela ligados, as possíveis consequências no ambiente escolar e trazer uma crítica às coberturas jornalísticas sobre este tema “violência na escola”, que se limitam muitas vezes a expor apenas o fato ocorrido depois de feito um boletim de ocorrência, mas não dão conta de mostrar as questões geradoras desta violência. Para atingir este objetivo foi realizada uma pesquisa exploratória (Gil, 2008) na escola municipal de Bagé mais atingida pelo fenômeno no ano de 2015. Foram sujeitos da pesquisa a diretora da escola, professores e alunos. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas e análise de reportagens exibidas sobre o tema. A metodologia de análise utilizada foi a de análise de conteúdo (Bardin, 2006). Também foi possível ter o entendimento de como a comunidade escolar se vê retratada pela mídia: uma escola violenta, inserida em um bairro pobre onde não há exemplos positivos para mostrar.

Palavras-Chave: Violência. Escola. Mídia. Educação.

ABSTRACT: *The violence is a phenomenon that plagues society as a whole. Our lives are invaded daily by news of crimes in all instances. The school is not out of this violent scenario. Therefore, this work seeks to make an analysis on the topic of violence that considers not violence itself, but the elements linked to it, the possible consequences in the school environment and bring a critique of journalistic coverage on this theme "violence in school", Which are often limited to exposing only the fact that occurred after an incident report was made, but do not account for showing the issues that generated this violence. In order to reach this goal, an exploratory research (Gil, 2008) was carried out at the Bagé municipal school that was most affected by the phenomenon in the year 2015. The school principal, teachers and students were subjects of the research. For data collection, interviews, questionnaires and analysis of reports on the topic were carried out. The analysis methodology used was that of content analysis (Bardin, 2006). It was also possible to have an understanding of how the school community is portrayed by the media: a violent school, inserted in a poor neighborhood where there are no positive examples to show.*

Keywords: Violence. School. Media. Education.

INTRODUÇÃO

“Se repõe vidros, se repõe janelas, se arruma uma sala de aula destruída e em menos de uma semana tem que se fazer tudo isso de novo. Os ataques são constantes em nossas escolas” (ENTREVISTA, Secretária, 2016). A frase dita pela então Secretária de Educação de Bagé, Nádia La Bella, em entrevista ao programa Jornal do Almoço, da RBS TV Bagé, no dia 15 de março de 2016, dia da escola, trouxe o desejo de entender o porquê de ver o local que deveria ser a porta de acesso para uma vida melhor ser atacado muitas vezes por seus próprios alunos. Por que os estudantes não se sentem donos da escola? De que forma a população recebe pelos meios de comunicação as notícias de casos de ataques e vandalismo nas escolas da cidade?

Entender os motivos que geram a violência na E.M.E.F Maria de Lourdes Machado Molina, sendo esta escola a que mais registrou ocorrências de violência em 2015, analisar se esses motivos foram evidenciados nas coberturas jornalísticas dos meios de comunicação de Bagé e perceber como esta comunidade escolar se vê retratada na mídia é o que motivou este projeto. Por isso deu-se a necessidade de investigar a violência escolar e refletir sobre a representação deste fenômeno pela mídia televisiva, a partir da investigação da realidade da escola mais atingida pela violência no ano de 2015, conforme dados da SMED, Secretaria Municipal de Educação de Bagé, na intenção de achar caminhos que ajudem na solução deste problema.

Infelizmente observa-se que a violência escolar é um problema cada vez mais presente no cotidiano. Mas por que os problemas que antecedem o fato consumado da violência não são discutidos? Por que não ganham destaque nos meios de comunicação as realidades enfrentadas pelos protagonistas deste fenômeno? Para dar visibilidade a este problema, que é segmentado e por isso parece estar encoberto, é necessário que se amplie as discussões nessa área a fim de que se possa encontrar as causas, envolver a sociedade como um todo no problema e não o deixar apenas sob a responsabilidade das escolas que sofrem com a situação.

Fora dos muros da escola, encontram-se alunos que vivem em condições de risco social. Mas estes fatos não parecem ser relevantes nas notícias veiculadas sobre as ocorrências de violência na escola.

Para fazer uma análise sobre o tema que considere não a violência em si, mas os elementos a ela ligados na E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina, foi realizada uma pesquisa exploratória, já que proporciona maior familiaridade com o problema e ajudará a constituir hipóteses, conforme indica Gil (2008).

Na escola onde a pesquisa foi feita, foi possível já em uma primeira conversa com os sujeitos da pesquisa, identificar os motivos que favorecem a violência escolar: o alto índice de criminalidade no bairro onde fica a escola foi apontado como o fator que desencadeia uma série de outros problemas, como o tráfico de drogas que cerca a instituição, e as famílias que são corrompidas, ou pelo vício, ou pelos crimes impostos pelo tráfico.

Atualmente, embora as ocorrências graves tenham reduzido, segundo a diretora, Adriana Soares Silveira, o ano de 2015 deixou uma interrogação em todos os professores da escola: “ *desde 2015 até hoje, a gente senta e pensa: o que levou a acontecer tudo aquilo naquele ano? E o que leva a seguir acontecendo, não de forma tão intensa, mas os vandalismos continuam*” (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

A E.M.E.F. Maria de Lourdes Molina está no topo de uma triste estatística: é o alvo atingido com mais frequência pelos arrombadores e vândalos, somando 2 boletins policiais no primeiro semestre de 2016 e 10 em 2015, ano que entrou para a história da escola como sendo o mais violento nos 23 anos de existência da instituição. O que mais chama a atenção é que a maioria dos casos são protagonizados pelos próprios alunos.

O grupo considerado “problemático” está mapeado e é de conhecimento dos professores as reais condições familiares de cada um deles. Mas, além disso, o trabalho preventivo, que é feito basicamente com palestras sobre o tema, conversas em sala de aula e reuniões com os pais, parece ser ineficiente perto da dimensão do problema. Segundo Freire (1999, p39),

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas.

A frase chega a soar como utopia dentro da realidade apresentada, mas pode apontar um caminho de entrosamento necessário entre educadores e educandos. O que move o interesse deste “grupo problema”? Será que o currículo da escola atende as expectativas dele? Por que não ir a fundo na questão “motivação”? Será que um aluno recebendo conhecimento que vá ao encontro dos seus interesses agiria dessa forma? Não desejo aqui tirar a escola da condição de vítima, mas acredito que vale o questionamento proposto por Silva (2005, p.15):

Qual tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade? Será a pessoa racional e ilustrada do ideal humanista de educação? Será a pessoa otimizadora e competitiva dos atuais modelos neoliberais da educação? Será a pessoa ajustada aos ideais de cidadania do moderno estado-nação? Será a pessoa desconfiada e crítica dos arranjos sociais existentes preconizada nas teorias educacionais críticas? A cada um desses “modelos” de ser humano corresponderá um tipo de conhecimento, um tipo de currículo.

Como já salientei, existem tantas formas de violência quantas são as maneiras de nos relacionarmos socialmente. Pois agora, acrescento que uma das características da violência está na visibilidade garantida pela mídia. Os meios de comunicação dão conta de produzir uma violência representada, ou seja, que nem sempre corresponde à realidade do problema, como no caso da escola analisada nesta pesquisa, que tem questões muito mais amplas para justificar a geração de violência do que meramente o fato em si.

É como se fosse “previsível” ver notícias de violência vindas de uma escola de um bairro pobre da periferia. Questionar as razões, não parece relevante, já que o fato será

aceito sem contestação, pois é “normal” que isto aconteça naquele lugar, deixando o fenômeno encoberto pela mídia em seu sentido mais amplo.

ENTRANDO EM AÇÃO: PROCESSOS METODOLÓGICOS

A E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina. A escola fica no bairro Morgado Rosa, na zona leste de Bagé, local onde vivem cerca de 3 mil pessoas. Muitas das famílias estão em situação de vulnerabilidade social e de vulnerabilidade à violência, de acordo com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Bagé¹. A escola tem 23 anos de existência. Foi fundada em 18 de abril de 1994. São 32 professores e 10 funcionários. Atualmente, 412 alunos estão matriculados.

Em setembro de 2015 a reportagem mais impressionante² do ano sobre este tema foi ao ar: a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina havia sido arrombada 3 vezes no mesmo fim de semana. Algo difícil de compreender e de acreditar. No dia seguinte, mais uma manchete no mesmo telejornal: 2 menores de idade haviam sido presos em flagrante durante uma tentativa de assalto e confessaram participação nos arrombamentos da escola. Eram ex-alunos do colégio.

Foi inexplicável tudo o que aconteceu naquele ano. Uns diziam que era represália ao nosso mandato, que estava entrando naquele ano, eu na direção. Outros diziam que todas as vezes que trocava a gestão aconteciam estas coisas, mas nunca daquela forma. Então, até hoje a gente não consegue entender. Pode ter acontecido, talvez, da escola não ter se aproximado tanto da comunidade. Talvez tenha acontecido esta falha. Mas é deles essa coisa de querer estragar, de achar que a escola é coisa do governo e que se eles estragam, o governo arruma (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

O desabafo da diretora da escola, que trabalha no local há 12 anos, sendo que há 2 anos e meio na direção, revela duas situações distintas: a falta de habilidade da gestão para lidar com a situação que se apresentou (aumento do índice da violência na escola), e a falta de entendimento dos alunos sobre a quem pertence a escola. Eles não se sentem donos do local e ainda o transformam em alvo para descontar os problemas que trazem, na maioria das vezes, de casa.

¹ Informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Bagé em agosto de 2016.

²A reportagem foi exibida no Jornal do Almoço no dia 14 de setembro de 2015 e pode ser acessada em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/bage/v/absurdo-escola-da-zona-leste-de-bage-rs-e-assaltada-tres-vezes-num-unico-fim-de-semana/4465681/>

Já usamos inúmeros recursos, mas o problema que tem aqui vem de fora da escola. Vem da casa dos alunos. Eles trazem com eles uma carga de problemas e descarregam aqui (ENTREVISTA, Diretora, 2017).

Foi feito também um levantamento de quantas reportagens foram exibidas pela RBS TV Bagé, através do programa Jornal do Almoço, durante o ano de 2015 e o primeiro semestre de 2016, que abordaram o tema “violência escolar”, e se as matérias deram conta de mostrar algo além do fato consumado. Este trabalho de apuração e análise foi realizado em março de 2017.

As entrevistas com a direção foram realizadas de forma semiestruturada, mediadas pelo diálogo, buscando obter das entrevistadas respostas que possibilitassem o entendimento da realidade vivida na escola, além dos sentimentos gerados em cada uma delas a cada novo fato de violência vivenciado.

Aos instrumentos acima citados, somaram-se os dados estatísticos da violência na rede municipal de educação de Bagé, que foram solicitados à SMED, que disponibilizou os números registrados no período definido para este estudo.

A metodologia de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método, torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ano de 2015 foi considerado pela atual direção, como o mais problemático na história da E.M.E.F. Maria de Lourdes. Os casos de arrombamentos e vandalismos fugiram do controle. Foram 10 registros policiais naquele ano. Mas, de acordo com a diretora, somente os casos mais graves foram registrados. As ocorrências menores, como as de vidros quebrados, paredes pichadas, destruição de materiais de uso coletivo e agressões verbais, acabaram sendo consideradas “menores” e não foram contabilizadas. Esta crescente violência fez a escola figurar com frequência na mídia em 2015. Das 15 reportagens sobre violência escolar na rede municipal de ensino de Bagé exibidas em 2015 no programa Jornal do Almoço, da RBS TV Bagé, 9 citaram a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina. Duas reportagens mostraram manifestações de estudantes da rede municipal pedindo pela paz nas escolas. Uma matéria registrou o pedido feito pela

SMED à Câmara de Vereadores de Bagé para ajudar na questão da violência escolar. As outras 3, mostraram casos de arrombamentos e vandalismo na segunda escola mais atingida pela violência em 2015, a E.M.E.F. Darcy Azambuja, que fica no bairro Passo das Pedras.

No primeiro semestre do ano de 2016 o cenário da violência na escola, de um modo geral na rede municipal de Bagé, parece ter ficado mais tranquilo. Foram contabilizadas apenas 3 reportagens no programa Jornal do Almoço da RBS TV Bagé sobre violência escolar e apenas uma delas citou a E.M.E.F. Maria de Lourdes Machado Molina.

Em relação ao conteúdo das reportagens, a constatação é que, em momento algum, as matérias abordaram as questões sociais que fazem do bairro onde a escola está localizada, o Morgado Rosa, um local de risco. O bairro, de acordo com os sujeitos da pesquisa, é dominado pelo tráfico de drogas.

Relatar os fatos de violência escolar não fazem da mídia um instrumento de transformação. Aqui não está se discutindo questões éticas da profissão. A intenção é provocar uma discussão sobre o pouco aprofundamento observado nas reportagens que relatam casos de violência escolar em Bagé. Se o jornalismo e a comunicação desempenham um papel essencial para a sociedade, há que se refletir sobre a atuação dos profissionais em relação a abordagem que dão para este assunto. Se queremos transformar a realidade vivida hoje por muitas escolas em relação a violência, precisamos expô-la, amplamente, sem esconder os problemas que estão fora da escola.

Conhecer os manejos desses conflitos é um desafio pedagógico que vai além da dimensão ensino-aprendizagem. É urgente o redimensionamento de uma política de formação de docentes e gestores, e na qualificação de ações sócio pedagógicas do espaço escolar.

Acredita-se que o grande desafio dos professores desta escola deva ser o de assumir uma postura para o enfrentamento do problema da violência. O primeiro passo parece que já foi dado, quando a direção traçou o perfil familiar de cada aluno envolvido em situações de violência. O próximo seria cobrar dos meios de comunicação que voltem os olhos para a escola. Este seria o papel social da mídia: trazer para os olhos da sociedade um problema que fica restrito entre os muros da escola.

Espera-se ainda trazer à mídia uma reflexão sobre a importância do aprofundamento da questão “violência escolar”. Só expondo de forma aberta e abrangente a situação, será possível envolver a sociedade na busca por soluções. O que não podemos é perder a dimensão da humanização, tanto no contexto escolar quanto na mídia, enquanto espaços socializadores, que devem possibilitar a estudantes e telespectadores constituírem-se humanos críticos e cientes dos desafios da existência.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola**. São Paulo: Summus, 1998.
- BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- CASTELLS, Manuel. 2000. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra.
- CORAZZA, Sandra Mara. **A Educação do Século XXI: desafio da diferença pura**. ARIÛS: revista de ciências humanas e artes. – v. 1, n.1 (out/dez. 1979) – v. 15, n. 1 (jan/jun. 2009). – Campina Grande: EDUFCEG, 2009.
- COSTA, M., VALE, D. **A violência nas escolas**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação – fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. São Paulo: SP: Editora Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREUD, Anna. **Infância normal e patológica** (determinantes do desenvolvimento). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- FROMM, Erich. **Do Amor à Vida**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- _____. **O Coração do Homem**. Rio de Janeiro, Zahar, 1965b.
- GENTILI, Pablo Alencar. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica - alternativas de mudança**. EDIPUCRS, 1999.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social**. Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, 1998.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, José Vicente Tavares. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Revista Educação e Pesquisa, volume: 27, no:1. São Paulo, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre. Sulina: Edipucrs, 2002.

VIANA, Nildo. Escola e violência. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.